CORPOS NEGROS NOS LIVROS DE GEOGRAFIA

SILVIA REGINA ALMEIDA DO PRADO

RESUMO

O objetivo deste estudo é avaliar como as imagens do corpo negro representadas nos livros

didáticos de Geografia aprovados pelo.O Programa Livro Didático Brasileiro 2020 (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD) trabalha para subjetivar os alunos. esta pesquisa tem como objetivo compreender o quanto essas imagens constituem significados na construção de uma realidade sobre questões étnico-raciais. Compreensão livros didáticos como artefatos culturais, produtores de conhecimento e ferramentas de apoio na formação dos alunos, permite-nos peso de seu poder educativo. Serão buscados referenciais teóricos prévios que ofereçam ferramentas de análise para esta pesquisa em: Educação Etnico-Racial, Estudos Decoloniais, Estudos Pós-Críticos, trazidos pelas reflexões contidas nos estudos de Aníbal Quijano, Renato Emerson dos Santos, Marlucy Alves Paraíso, Wenceslao Machado de Oliveira Jr., entre outros pesquisadores que possam contribuir com esta pesquisa. Para tanto, torna-se necessário examinar a colonialidade/eurocentrismo, pois ainda está presente na representação de corpos negros nas coleções selecionadas para esta pesquisa, que tem o homem branco como norma e ainda replica um discurso colonial.

PALAVRAS-CHAVES: Livro didático. Corpos Negros. Geografia

ABSTRACT

The purpose of this study is to evaluate how black body images represented in Geography textbooks approved by the Brazilian textbook program 2020 (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD) work to subjectivize students. This research aims to understand how much these images constitute meanings in the construction of a reality on ethnic-racial issues. Understanding textbooks as cultural artifacts, producers of knowledge and support tools in the formation of students, enables us to examine the weight of their educative power. Previous theoretical references that offer analysis tools for this research will be sought in: EthnicRacial Education, Decolonial Studies, Post-Critical Studies, brought by the reflections contained in studies by Aníbal Quijano, Renato Emerson dos Santos, Marlucy Alves Paraíso, Wenceslao Machado de Oliveira Jr., among other researchers who may contribute to this research. To do so, examining coloniality/eurocentrism becomes necessary, as it is still present in the representation of black bodies in the collections selected for this research, which has the white man as a norm and still replicates a colonial discourse.

KEYWORDS: Textbook. Black Bodies. Geography

INTRODUÇÃO

Muito se discute a importância da representatividade negra em espaços comumente ocupados pela branquitude. Instigada por esta assertiva, esta pesquisa busca tratar desta questão no ambiente escolar, por ser um espaço indiferente às vivências dos jovens negros. Ainda são poucos representados nos livros didáticos e, quando são, as imagens estão relacionadas a aspectos negativos, como pobreza e criminalidade, por exemplo (CRUZ, 2017).

Corpos negros representam quase56,2% da população e em pleno século XXI as pautas raça/racismo/representatividade segue buscando seus espaços de fala, onde a luta para obtenção de direitos civis e políticos do povo negro seguem desde o início da escravidão no Brasil e continuam presentes até os dias atuais, quase 500 anos depois (OLIVEIRA JUNIOR, 2009).

A partir de 2018 temos o crescimento da extrema-direita no Brasil, que culminou com a vitória de Jair Messias Bolsonaro para a presidência, iniciando um período ultraconservador, com políticas que atingem negativamente as camadas mais vulneráveis do país, levando ao crescimento nos níveis de pobreza. O retrocesso marca o governo atual, buscando acabar com conquistas sociais e processos que estavam promovendo a busca de equidade social em nosso país (RENATO EMERSON, 2018).

Esse declínio, juntamente com minha jornada acadêmica, me trouxe para essa discussão, de buscar nas imagens dos livros didáticos de geografia as generalizações sobre corpos negros, construídos a partir de uma visão colonial e eurocentrada, carregado de um discurso determinista que evidencia relações de poder, racismos e preconceitos. Assim como seu impacto nos alunos e professores (QUIJANO, 2009).

O que justifica mais a necessidade de engajamento na luta de grupos marginalizados, como os negros e a população LGBTQIA+, por exemplo. Depois temos a pandemia do vírus Sars-CoV-2 (Covid-19) que, desde março de 2020, colocou a população em isolamento, deixando somente serviços essenciais abertos, como farmácias e supermercados, no caso de universidades e escolas, estas foram fechadas, mas ofereceu-se o ensino remoto aos alunos.

Foi nesse contexto que o grande abismo social existente no Brasil foi destacado, e quando falamos disso precisamos destacar a desigualdade entre negros e brancos, pois são esses primeiros a parcela mais pobre da população, com menos acesso à educação e que mais morrem na mão da polícia (PEREIRA, 2017).

Examinar as representações de corpos negros nas imagens veiculadas nos livros didáticos produz um apelo enorme, pôr as imagens serem produtoras de significados, tanto para os estudantes quanto para os professores, já que são modelos estéticos produzidos no intuito de reproduzir um discurso pré-concebido, gerado pela colonialidade que justifica a crença de que existe uma natural superioridade étnico-racial e epistêmica do padrão branco europeu sobre outros povos (QUIJANO, 2009).

Por consequência, buscou-se contribuir para o descolonialismo desse saber, colocando a diferença no centro do debate político, onde existe múltiplas vozes e histórias, rompendo mentalidades e visões sobre a história da África e do negro no Brasil, país que apresenta, ainda, uma forte herança colonial, bem como romper com a ideia de democracia racial (CRUZ, 2017).

METODOLOGIA

Neste estudo será trilhado um caminho alicerçado pelas pesquisas pós-críticas, por romper as estruturas e as narrativas-mestras, fugindo desse impulso centralizador e totalizante do pensamento humano, responsável pelo discurso universal, legitimador de determinada história e homogeneizante trazidas pela Modernidade.

À vista disso, a pesquisa examinará minuciosamente nas coleções didáticas aquilo que nomeia o sujeito, que divide, categoriza, hierarquiza, normaliza, governa e o que produz diferentes tipos de indivíduos através das imagens apresentadas nas obras, que são uma produção discursiva e um efeito dos diferentes tipos de relações de poder. Assim, explora-se o mecanismo de construção do discurso eurocentrado, reprodutor de um ideal branco-europeu socialmente aceito, onde aqueles que não se encaixam nesse padrão são designados para lugares e posições nem sempre vantajosas, submetidos a condições sociais de inferioridade e desvalorizam suas características físicas, intelectuais e culturais.

O componente curricular Geografia, ensino fundamental, séries finais, faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD desde início em 1999. Cada coleção didática possui uma resenha disponível no Guia Digital, onde os (as) professores (as) podem ter uma visão geral do livro, uma descrição, análise e recursos oferecidos para o uso em sala de aula. Para essa pesquisa o recorte inicial utilizado contemplará quatro livros didáticos, de diferentes coleções, do 7º Ano do Ensino Fundamental do PNLD de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro didático, carregado de imagens (fotografias, mapas e gráficos, por exemplo), além dos elementos textuais, torna-se um material muito relevante para análise, pois a linguagem visual e textual objetiva a comunicação de uma ideia, a verbalização de um pensamento, contribuindo para os processos de aprendizagem, já que possuem uma importância cognitiva. Oliveira Jr. (2009) comenta que as imagens são obras políticas e gestos na cultura, sendo esta última a escolha de uma forma cultural, filme, imagem ou pintura, por exemplo, que pretende apreender a realidade e fazê-la funcionar em nossos pensamentos e imaginações, como a realidade pretendida. Diante disso, explorar as representações dos corpos negros no livro didático é de extrema importância, porque são uma cópia ou um modelo produzido no intuito de reproduzir um discurso preconcebido.

O livro didático ao constituir-se em uma ferramenta escolar permite leituras provocativas e norteadoras de possíveis mudanças na prática pedagógica. Entretanto, o livro não pode ter uma leitura rápida e única como fonte de informação. Também não é um recurso de informações prontas, onde o estudante reproduz pensamentos e respostas elaboradas a partir de conhecimentos simplificados apresentados nas obras, pois nem sempre estão conectados à realidade da comunidade ao qual o estudante está inserido. Para os professores o livro sempre foi grande aliado no preparo das aulas e como um guia curricular dos conteúdos. Assim, o livro desempenha dupla função: aos estudantes como um suporte às aulas e pesquisa por meio de sua interação a partir da leitura, do diálogo com o texto principal, boxes, mapas e imagens presentes na obra e para o professor local onde está inscrito os conteúdos para suas aulas (SANTOS, 2017).

Nesse âmbito, percebemos o livro didático como um objeto feito pela sociedade de economia neoliberal, que fornece informações sobre sua cultura, um produto mercadológico que forma, instrui e educa a partir da disseminação de um conhecimento constituidor dos estudantes, dentro e fora da sala de aula, formando suas concepções de mundo. Entretanto, precisamos considerar o caráter eurocêntrico na produção das obras, onde a história apresenta-se com sentido e direção única, materializando uma grande narrativa universal padronizada. Isso, pois, o fim do colonialismo no Brasil não significou o fim da colonialidade, situação em que as estruturas de poder, de saber, do ser e da natu-

reza mantêm padrões eurocentrados, parte constitutiva da Modernidade, onde a intenção do colonizador é eliminar as diversas formas de conhecer e viver o mundo dos povos subjugados e colonizados, substituindo por outras novas formas de conhecimento e vivência que serviam aos processos civilizatórios do regime colonial (CRUZ apud CASTRO-GOMES, 2017).

Nesse contexto, as obras são submetidas a regras, restrições, convenções e regulamentos de políticas educacionais e editoriais antes de chegar à escola, percorrendo um longo trajeto na sua elaboração. De acordo com Santos (2018), existem múltiplas e complexas tramas de relações de poder que envolvem comunidades epistêmicas específicas, nesse caso a Geografia, o Estado e as editoras, essas últimas possuem o PNLD como objetivo principal, já que representa o maior filão do mercado editorial brasileiro.

À vista disso, a Lei Federal 10.639/2003 busca transformar essa perspectiva colonial, apresentando-se como uma ferramenta para a elaboração das obras, pois descolonizar impõe o desafio da invenção, da criação de novas metodologias de investigação (CRUZ, 2017).

Valioso na construção dos currículos e inserção da temática no ambiente escolar, 'quebrando' o status quo a partir de novas abordagens e posicionamentos para os corpos negros, repensando trajetórias não incluídas nas representações dominantes da sociedade. Assim, combatendo homogeneização e invisibilização de indivíduos nos mais diversos rótulos: 'africanos', 'americanos' e 'asiáticos' definidos em comparação ao 'europeu', que colocam as populações em diferentes estágios, dos 'selvagens', dos 'atrasados', até os 'civilizados' e 'avançados'.

Santos (2017, p. 60) diz que "estas hierarquias estruturam as experiências de dominação e exploração que organizam as trajetórias desiguais de indivíduos e grupos nos diferentes contextos do capitalismo", tendendo a naturalizar os estudantes dentro deste padrão de saber-poder. Assim, procura-se problematizar as imagens dos corpos negros dos livros didáticos ainda congelada em afetos de submissão, negação, silenciamento, e perceber as relações de forças que os discursos instituídos privilegiam alguns e inferiorizam outros.

Logo, procurou-se estabelecer uma discussão acerca da possibilidade de borrar o peso carregado de sentidos coloniais nas representações étnico-raciais nas obras para fazer voarem com outros afetos. E, dessa maneira, romper com o conhecimento dominante. Para dessa forma, de acordo com Pereira (2017), reconhecer que os povos africanos possuem conhecimento e tecnologia, colocar o continente enquanto berço da criação e da história, admitindo a existência de suas lógicas, nas quais o que tem valor não é a instrução cartesiana que rege o conhecimento eurocentrado, mas, sim, cultura, identidade, costume e espiritualidade.

CONCLUSÃO

Sobre a compreensão do quanto as imagens do corpo negro presentes nos livros didáticos são constituidoras de significados na construção de uma suposta verdade/realidade sobre questões étnico-raciais. Por isso a necessidade de compreender os livros didáticos de Geografia enquanto artefatos da cultura, produtores de saberes e, também, ferramentas de auxílio na formação dos estudantes, a partir do entendimento de sua imersão em relações de poder, envolvendo a sua produção através do PNLD. Isso, pois, a compreensão de seus reais significados auxilia na luta do povo negro brasileiro contra um modelo de sociedade que nega diferenças e é permissiva a violências, físicas e psicológicas, sofridas por corpos negros, desde psicológicas até as físicas. São quase 500 anos em que tem sido negado ao povo negro acesso igualitário a serviços básicos, como educação, moradia e saúde, promovendo a exclusão e o preconceito étnico-racial, a partir de práticas, hábitos, situações e falas que estão embutidos em nossos costumes. E o livro didático não foge dessa regra, pois reproduz o racismo generalizado na sociedade brasileira, sendo que a própria escola reproduz e silencia diante do preconceito, mesmo com o amparo da Lei nº 10.639/03, principal instrumento de combate ao racismo na educação e fruto da luta antirracista do Movimento Negro brasileiro, ator central na construção dessa lei.

Os discursos dos livros didáticos de Geografia, inserido no modelo capitalista ocidental, constroem um sistema classificatório que produz uma diferenciação socioeconômica e cultural, pois são estabelecidas hierarquias onde existe a pretensa superioridade do padrão europeu, branco, que é tomado como referência de estética universal. Nesse contexto, a análise dessas imagens, em pleno século XXI, procura por essa representação ainda imperfeita do povo negro e procura construir discursos que impactem na luta dos negros no Brasil, seja em âmbito municipal, estadual e/ou federal, com partidos políticos e/ou organizações da sociedade civil para a condução da luta contra o preconceito e o racismo, assim como da representatividade no Brasil.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In. CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Geografia e giro

descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. Pro-Posições, vol.20, n.3, 2009.

PEREIRA, Carolina de Freitas. Racismo, espaço e colonialidade do poder, do saber e do ser: diálogos, trajetórias e horizontes de transformação. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação racial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em: https://bityli.com/JcA0N. Acesso em: 10 jan. 2023.

SANTOS, Renato Emerson dos. O movimento negro brasileiro e sua luta antirracismo: por uma perspectiva descolonial. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

Renato Émerson dos. A Lei 10.639 no PNLD de Geografia: um ensaio sobre questões, mudanças e permanências. In: TONINI, Ivaine Maria. et al. (Orgs.). Geografia e livro didático para tecer leituras de mundo. São Leopoldo: Oikos, 2018.